

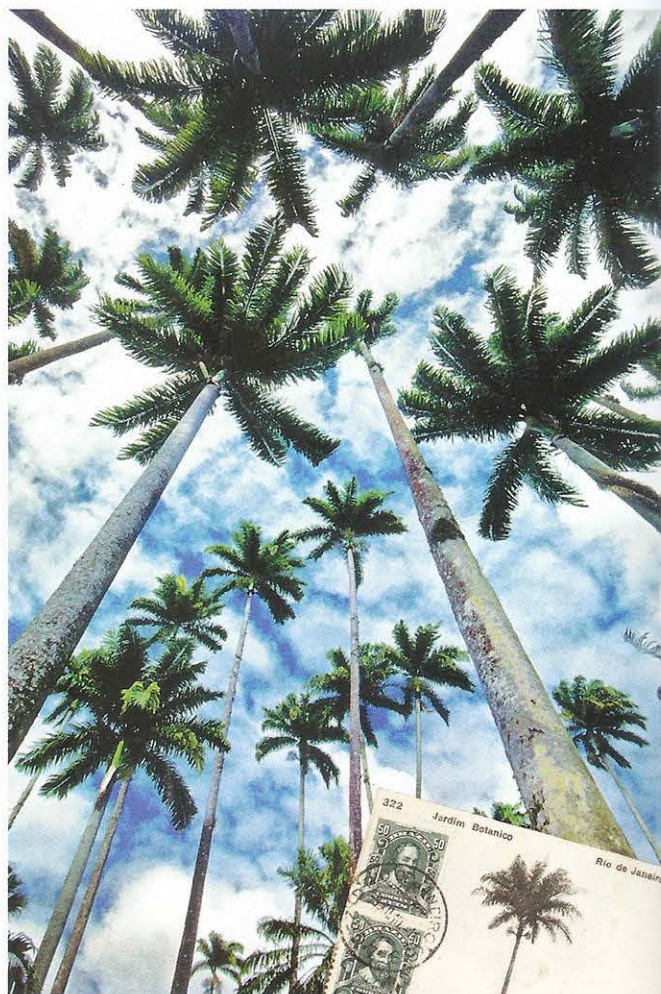
AMOR NATURAL

Convidamos a paisagista ISABEL DUPRAT para descrever, em prosa e verso, sua paixão pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro

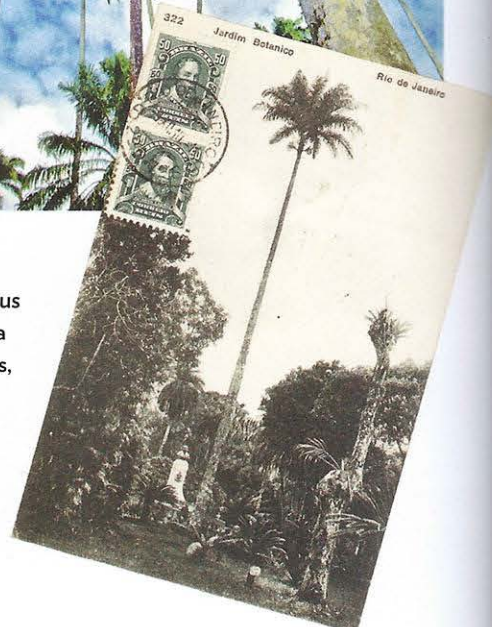
por ISABEL DUPRAT



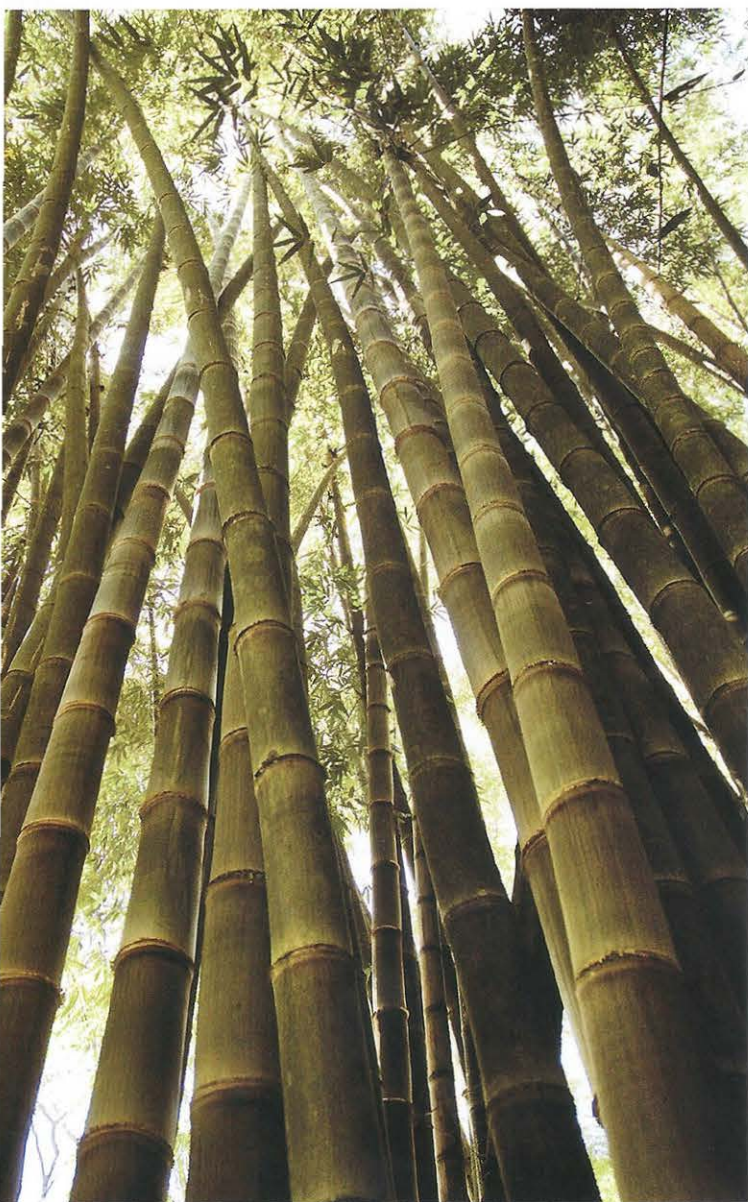
SINTO UMA SENSÇÃO DE BEM-ESTAR TODA VEZ que realizo que aquele lugar está lá: silencioso, iluminado pela luz e sombra, “guardado” na dignidade da natureza. Caminhei por suas alamedas muito menos do que gostaria, no entanto, só de lembrar a presença da colunata de palmeiras-imperiais que reinam ali há mais de cem anos, serenas, apenas existindo plenamente, integrando e compartilhando incólume o seu ciclo natural, e emprestando a sua beleza a todos que quiserem usufruí-la, já me parece muito. Um simples “bem-viver” neste mundo onde todos parecem querer muito de tudo. Um jardim botânico quase sempre foi, na sua origem, um lugar reservado junto ao castelo, para que fossem guardadas e aclimatadas mudas de especiarias e sementeiras, assim como outros experimentos científicos, protegidos como um segredo de Estado. Em 1808, na cidade do Rio de Janeiro, D. João oficializou o início de tudo, criando o Jardim de Aclimação, ►



Acima, Palmeiras-Imperiais (foto de Claus Meyer). Ao lado, Aleia de Palmeiras-Imperiais, Jd. Botânico, 1950 (arquivo G. Ermakoff Casa Editorial). À direita, cartão-postal, 1910, coleção Elysio Oliveira Belchior



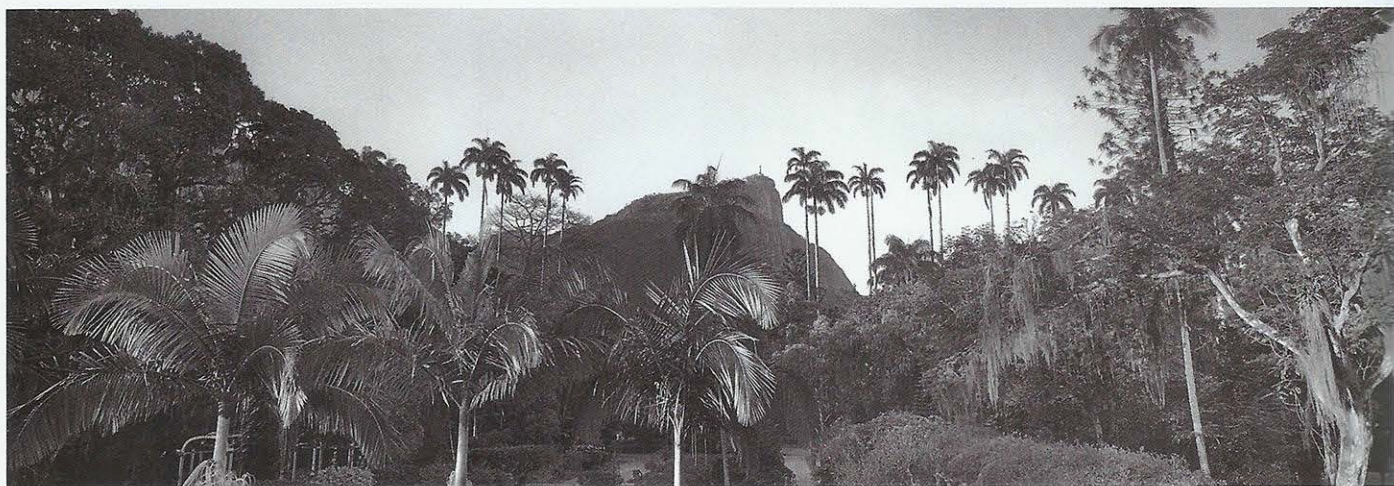
FOTOS: DIVULGAÇÃO



À esquerda, Palmeiras. Ao lado, *Vitória-Régia* e *Lótus* (foto de Claus Meyer). Abaixo, *Lagoa Rodrigo de Freitas*, aquarela de Friedrich Hagedorn (foto de Pedro Oswaldo Cruz), coleção Geyer Museu Imperial

ao lado da Fábrica de Pólvora, indicando que a sobrevivência e a defesa estavam “guardadas” pela mesma muralha. Instigada a elucidar a magnitude da emoção que sinto neste lugar secular, fui entender a significância da palavra jardim: garden, garten, garde, de guardar, e também resguardar (regarder) e na língua francesa, jardin. Entendi porque fazer um jardim para mim significa criar um espaço onde resguardo meus sentimentos. A experiência sempre fascinante de vivenciar a quietude de suas alamedas de areia batida, ou da borda do bosque, só um murmúrio de água correndo lá no fundo, nos traz sempre novas descobertas, e faz querer rever as já preferidas, mutantes a cada estação. O manguezal criado por Frei Leandro em 1824, pelas suas formas retorcidas e generosas, expondo sem pudor todas as entranhas do tempo. Por que as árvores ficam mais lindas com a idade? As figueiras abrigando incontáveis orquídeas e samambaias, desfrutando das suas copas. O bosque dos jambeiros, tingindo no outono o chão macio da mata de pétalas cor-de-rosa cintilante. As grandes flores vermelhas do abricô de macaco enfeitando seus troncos, como totens festeiros. A sombra prateada dos enormes oitis. O pau-brasil está lá, oferecendo a sua exuberância, para quem quiser conhecer a árvore que deu nome ao País, e que por triste ironia está quase extinto. ►





FOTOS DIVULGAÇÃO

Os monumentais jequitibás, uma das árvores mais lindas das nossas matas. A sumaúma, gigante da Amazônia, com mais de quarenta metros de altura, expressando a generosidade dos trópicos. A aléia dos pau-mulatos com sessenta espécimes, meus favoritos quando trocam a casca de seus troncos longilíneos, apresentando a primavera e tingindo o ar de cor de cobre. Vitória-Régia, magnífica com suas enormes bandejas flutuantes, oferecendo suas flores ao cair da tarde. A sinfonia do bambuzal, como cantou Tom Jobim, e tantos outros momentos. Em meu trabalho, a memória do Jardim Botânico do Rio de Janeiro é uma constante: um testemunho de permanência e magia. Com suas belas árvores e palmeiras, este lugar de todos os verdes, acorda em nós tantos pensamentos e sentimentos, porém traz, em contraponto, uma melancolia por um certo descuido brasileiro pelas coisas da natureza. Não são as folhas secas, que são próprias dali, ou um mato aqui, outro lá, que diante da pujança das árvores, pouco importam; mas a certeza de que a sua existência e conservação dependem em grande parte do constante esforço pessoal de muitos. Agradeço carinhosamente a todos aqueles que nas suas funções e com as suas ações zelam por este lugar, e que de certa forma por mim, e meus preciosos guardados. ■



No alto, fotografia / negativo, *Jardim Botânico*, ano 2000 (foto de Cesar Barreto). Acima, óleo sobre madeira *Vitórias-Régias*, cerca de 1937, de Alberto da Veiga Guignard, coleção particular (foto de Horst Merrel, SP). À esquerda, *Flor de Lótus* (foto de Claus Meyer. Ao lado, escultura de ferro e bronze, Fundação Zani

Instituto Jardim Botânico do Rio de Janeiro
www.jbrj.gov.br